

O DISCURSO SEPARATISTA SOBRE O PORTUGUÊS DO BRASIL, NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX: O TOM

Judite Gonçalves de Albuquerque (UNEMAT)

RESUMO: Este artigo pretende evidenciar o tom que caracteriza a polêmica entre separatistas e legitimistas sobre o português do Brasil, naturalmente modificado nos anos de colonização; os primeiros vendo como positiva essa diferenciação, fazendo tudo para apressar o processo, e os segundos – “guardiães da vernaculidade” – querendo estancar a sua marcha.

PALAVRAS-CHAVE: O Português do Brasil; análise de discurso; Linguística.

Introdução

Nos anos de colonização que precederam o século XIX, a língua portuguesa falada no Brasil foi se transformando em uma modalidade bem diferente da falada/escrita em Portugal. Fato incontestável, a diversidade lingüística tornou-se o tema preferido de intermináveis polêmicas entre separatistas (homens de "humor" romântico) e legitimistas (homens de "humor" clássico).

Os primeiros, embriagados pelo ideário de liberdade, viam como positiva a diferenciação lingüística entre Brasil e Portugal e queriam apressar o curso da diferenciação; os segundos, "guardiães da vernaculidade", viam como negativa essa diferenciação e queriam estancar a sua marcha.

Mergulhados no momento político da independência nacional e familiarizados com os discursos histórico-políticos, filosóficos, estéticos e científicos que circulavam na Europa, no século XIX, os separatistas assumem a responsabilidade de construir a nação brasileira autônoma e livre, através da luta pela autonomia da língua e da literatura nacional.

O entusiasmo e a euforia com que militantes participaram de tantos movimentos libertários no século XIX impregnaram os enunciados.

O tom dos discursos reflete as mudanças pelas quais o país estava passando, evidencia a enorme valorização do sentimento da nacionalidade, a exaltada rebeldia frente a qualquer tipo de imposição e a luta pela total libertação da tutela portuguesa.

Para a realização deste trabalho, elegemos como referência básica a teoria do enunciado de Michel Foucault (1986), sem, contudo, exauri-la, trabalhando em linhas gerais

aquelas noções imprescindíveis à análise: as noções de enunciado, de formação discursiva, de discurso e prática discursiva. Serviram-nos ainda de suporte teórico, no estudo do tom, Dominique Maingueneau (1993) e Eni Orlandi (1986), quando analisamos a arquitetura dual dos textos (as estruturas opositivas), cujo tom é evidentemente, irônico, derivando, não raro, para o escárnio.

Os textos que tomaremos sob análise foram produzidos por escritores, críticos, ensaístas –homens de Letras – que, eufórica e intensamente, participaram da polêmica em torno do Português do Brasil na segunda metade do século XIX. Mais precisamente, integram o *corpus* estudado neste trabalho textos de Macedo Soares, José de Alencar e Salomé de Queiroga, publicados entre os anos de 1860 e 1891. Todos estes textos foram extraídos da coletânea de matérias sobre o Português do Brasil, organizada por Edith Pimentel Pinto (1978).

Apresentamos aqui, em rápidas pinceladas, o tom dos apaixonados “mosqueteiros literários” da segunda metade do século XIX: as estruturas opositivas que revelam os diferentes níveis em que a dissonância entre separatistas e legitimistas se dá e as ironias que evidenciam, no espaço da regularidade discursiva, a rejeição pelo discurso do outro.

1. O tom

Sem menosprezar a participação política da jovem geração de escritores, transbordante de entusiasmo pelas questões nacionais, pode-se afirmar que os debates em torno da língua tinham muito mais de persuasão do que de ciência. Macedo Soares chama a atenção para o trabalho pretendido por Batista Caetano que, a seu ver, se levado a cabo, seria uma grande e real contribuição não só à lingüística americana, mas a *toda a atual, incerta e hipotética e metafísica ciência americanóloga*.

1. Veja agora em que consistiam os seus estudos preparatórios. Firmar a lingüística americana, estudando as línguas de todo o continente, e particularmente a dos silvícolas do Brasil; classificando a todas: e comparando-as com o guarani (...). desse imenso trabalho de sistematização, empresa hercúlea para ombros de poucos Hervas e Adelungs, diga-me, caro amigo, o que não nos adviria de resultados espantosos, de todo imprevistos, para a antropologia, a etnografia e a metodologia indianas? resultados fecundos e positivos, a renovarem a face de toda a atual, incerta, e hipotética, e metafísica ciência americanóloga.

Analisar os fatores da língua que se fala no Brasil, do luso-brasileiro, dissecando-os um por um, e aplicando a cada um o método rigoroso empregado no estudo do guarani, que, com o português coloquial, o africano, o francês, o castelhano e outras línguas, forma a nossa atual linguagem.

Assentar o alfabeto de que deveríamos usar e com ele construir o dicionário brasileiro, adotando a ortografia fonética, ou aquela que os resultados demonstrassem mais racional e de acordo com as tradições nacionais.

Não era, Sr. redator, um plano colossal, e também uma empresa patriótica? (SOARES, 1884 *apud* PINTO, 1978, p. 50-51).

O texto de Macedo confirma que um estudo sério da nossa linguagem ainda estava por ser feito, não passava de um plano. Mas o texto seguinte, que evoca o clima em que viviam os homens de Letras no final do século XIX, mostra outra realidade: os jovens escritores não pareciam muito dispostos ao estudo sério e refletido e nem tão pouco a ouvir os fervorosos apelos de Macedo Soares. Em um quadro quase anedótico, o jovem poeta João do Rio pintou muito bem o ambiente do Rio de Janeiro, da Rua do Ouvidor, em cujo turbilhão a jovem geração de escritores se envolvia:

2. Os jovens literatos viviam barulhentosamente, impondo-se. Andavam com barulho, comiam com barulho, dormiam com ruído, moviam-se com espalhafato, trabalhavam menos e davam muito mais na vista. [...] eles eram o clarim de guerra infrene contra uma porção de coisas que ninguém sabia ao certo quais fossem. O egoísmo era, no bando, o de saldunes crianças. A fama transitória não se fazia assim de um, mas de todos. Se caminhavam pelas ruas, eram como conquistadores, quando abancavam nos cafés, abancavam tremendamente. Diziam versos, jogavam o murro, propunham duelos. Eram os mosqueteiros literários. (PIZARRO, 1994, p. 540).

A plethora de emoções dionisíacas: a paixão, o espalhafato, o barulho (muito barulho!), a insurreição, a altivez, o atrevimento, que inundava o cenário sócio-político-cultural da época, inundava também os discursos dos "*mosqueteiros literários*" (2), na feliz metáfora de João do Rio, definindo-lhes o tom exaltado.

Dominique Maingueneau lembra que o discurso é inseparável daquilo a que se poderia designar como sendo uma "voz", aquilo que "a retórica antiga entendia por 'ethé', as propriedades que os oradores se conferiam implicitamente, através da sua maneira de dizer: não o que diziam a propósito deles mesmos, mas que revelavam pelo próprio modo de se expressarem". (MAINGUENEAU, 1993, p. 45).

Ainda segundo Maingueneau, esses efeitos não são impostos ao discurso *pelo* sujeito, mas pela própria formação discursiva se impõem *ao* sujeito:

Esses efeitos se impõem ao sujeito que, no seu interior, ocupa um lugar de enunciação, fazendo parte integrante da formação discursiva, ao mesmo título que as outras dimensões da discursividade. O que é dito e o tom com que é dito são igualmente importantes e inseparáveis. (MAINGUENEAU, 1993, pp. 45 -46).

Aqueles que falam interpelados por uma mesma formação discursiva não só se reconhecem, se identificam pelo *que* falam, mas também pelo *como* falam. Quer dizer, além de enunciar "idéias" comuns, imprimem um mesmo tom aos enunciados. Um separatista, por exemplo, não se distingue de um legitimista apenas por enunciar algo que lembre enunciados prototípicos, mas por imprimir um tom exaltado, desmedido, polêmico, apaixonado, libertário, nacionalista, militante a seus enunciados. É pela incorporação de um certo "modo de pensar" e de um determinado "modo de dizer" que o perfil do enunciador separatista se delinea. Queiroga, mais do que qualquer outro, é capaz de sugerir o tom programático e combativo do discurso separatista: "Alistemo-nos nas bandeiras dos inovadores para militarmos infatigavelmente como soldados contra a propaganda transatlântica" (QUEIROGA, 1871, *apud* PINTO, 1978, p.167).

Procuramos focalizar, em outro trabalho (PAGLIARINI COX; ALBUQUERQUE, 1997), as regularidades do discurso separatista acerca da variedade lingüística brasileira em termos do modo de pensar. Neste, procuramos focalizar as regularidades em termos do modo de dizer, ou seja, em termos do tom do discurso. São inúmeros os traços lingüísticos que, combinados, emprestam ao discurso separatista o tom exaltado, apaixonado, militante. Todavia atemo-nos aqui ao exame de alguns deles, daqueles que, por excelência, evocam e exprimem a contrariedade, a oposição, a controvérsia, a polêmica entre separatistas e legitimistas.

Constituído, sobremaneira, a partir da disjunção em relação ao discurso legitimista – o discurso do Outro –, o discurso separatista o avalia, em nível de intradiscorso, negativamente. É pela rejeição do Outro que cada formação discursiva perfila sua identidade.

Uma formação discursiva opõe dois conjuntos de categorias semânticas, as reivindicadas (chamemo-las de "positivas") e as recusadas (as "negativas"). Ela projeta as unidades "positivas" deste Outro sobre as categorias de seu próprio sistema; para preservar sua identidade, o discurso só pode relacionar-se com o Outro do espaço discursivo através do simulacro que dele constrói. (PAGLIARINI COX; ALBUQUERQUE, 1997, pp. 122).

Todos os discursos são, pois, constituídos a partir da rejeição do discurso do Outro. Mas enquanto uns mantêm o antagonismo de uma forma velada, outros explicitam-no.

Entre os separatistas, a polêmica com os legitimistas é, via de regra, explicitada na superfície lingüística, constituindo uma espécie de *dialogismo mostrado*. (PAGLIARINI COX; ALBUQUERQUE, 1997, pp. 31-59). As estruturas sintático-semânticas opositivas, as ironias, recursos que se prestam à expressão do polêmico, são abundantes em Alencar, Macedo e Queiroga.

2. As estruturas opositivas

É comum os separatistas incorporarem em seus enunciados o discurso dos legitimistas, recusando-lhes, porém, legitimidade. Trata-se de uma incorporação destrutiva. Uma nítida oposição entre interlocutores interpelados por formações discursivas diferentes se evidencia, por exemplo, nos enunciados abaixo (4-7):

4. Se damos à estampa estes escritos, é, não diremos por estímulo, senão como ocasião de se discutirem questões tão interessantes à língua, que *mau grado os ralhos dos críticos lisbonenses*, se vai de dia em dia se *diferençando* da portuguesa. (SOARES, 1880 *apud* PINTO, 1978, p. 46).

5. -Acresce que a mistura das raças devia produzir como efetivamente produziu uma linguagem nova que se irá melhorando para o futuro; mas sempre com o tipo próprio do país, como tem acontecido com todos os idiomas. O ilustrado crítico português no meu entender perde seu tempo querendo obstar a nova propaganda, como ele lhe chama. *Mau grado* seu ela irá *marchando* como fato providencial. (QUEIROGA, 1871 *apud* PINTO, 1978, p. 159).

6. *Não obstante* (a reação dos idólatras do antigo) a *reforma* consumou-se: e a inércia encolheu-se para deixar passar o *progresso*. Assim há de acontecer com a maior parte dos melhoramentos que estão reclamando a simplicidade e a louçania da língua; *mau grado dos furores clássicos*. (ALENCAR, 1873 *apud* PINTO, 1978, p. 114).

7. Acrescentarei alguns exemplos mais, da revolução que *apesar dos clássicos e gramáticos* se está operando no português americano. (ALENCAR, 1874 *apud* PINTO, 1978, p. 131).

Soares, Queiroga e Alencar, todos eles incorporam, em seus próprios enunciados, a voz dos legitimistas (aqui designados como "*os críticos lisbonenses*" (4), "*o ilustrado crítico português*" (5), "*os idólatras do antigo*" (6), "*clássicos e gramáticos*" (7)), defendendo a obediência estrita aos cânones da gramática portuguesa e a fidelidade ao padrão lingüístico europeu. Todavia os três a contradizem, lançando mão de operadores argumentativos próprios para exprimir a oposição. São unânimes em enunciar que *embora* (*mau grado* (4-6), *não*

obstante (6), *apesar de* (7)) os legitimistas reajam tentando obstar a diferenciação (4) – a marcha (5), a reforma (6), o progresso (6), a revolução (7) – da língua, ela de dia em dia se consuma. Não raro, a relação semântica opositiva, a dissonância, vem explicitada não por expressões conectoras adversativas, concessivas, etc, mas pelo simples paralelismo de expressões, orações, períodos e parágrafos, pela comparação explícita ou implícita como em (8):

- (8) 1. Tudo nos afiança esta verdade. Nosso clima *americano virgem* a pulular de luxuosa seiva, independente e livre. Nossos costumes e usos adquiridos aqui neste abençoado torrão, tão separado do *velho Portugal*. Nem se diga que dele herdamos os hábitos; não, nem nada. Tudo aqui difere. *Aquele país cai de velho, e o Brasil sai apenas das faixas infantis*.
2. Quer o Sr. Pinheiro Chagas que falemos *português quinhentista*, e diz que estamos amesquinhando a língua de Camões. Engano: somos brasileiros e falamos a *linguagem brasileira*.
3. O que é a linguagem? É a expressão das idéias que nos vêm pelos sentidos, e estes são influenciados pelo clima, uso e costumes que deles nascem.
4. *Um brasileiro* de hoje produto da mistura das raças de que acima falei, tem tanta semelhança com *um português*, como *um ... ovo* com *um espeto*.
5. Portanto, continuemos em nosso caminho que tarde ou cedo chegaremos à meta que nos foi destinada pela Providência. À *geração presente* incumbe aplinar para a futura geração a estrada cheia de obstáculos herdados dos *avoengos*.
6. Avante! Disse-nos *um grande gênio português*, quiçá maior que o Sr. Pinheiro Chagas.
7. Prefiro enganar-me com o Sr. Visconde de Almeida Garrett, hoje falecido, que nos deu aquele conselho, a acertar com o Sr. Pinheiro Chagas que nos aconselha o ramerrão do velho Portugal.
8. Sempre teima!
9. Pois o Brasil deve continuar a ver em sua *ex-metrópole política a literária metrópole*? Não: por Deus, meu Stockler. (QUEIROGA, 1871 *apud* PINTO, 1978, pp. 160-161).

Em (8), a dissonância entre os separatistas e os legitimistas mostra-se através de contrastes em nível oracional, locucional, lexical etc. No primeiro parágrafo, *a virgem América* contrasta com o *velho Portugal*; *Portugal cai de velho* contrasta com *Brasil sai da infância*. No segundo, *português quinhentista* contrasta com *linguagem brasileira*. No quarto, *brasileiro* contrasta com *português* como *o ovo* contrasta com *o espeto*. No quinto, *a geração presente* contrasta com *os avoengos* (avós). No sexto e sétimo, *o Sr. Visconde de Almeida Garrett* (Um português simpatizante do movimento de emancipação das Letras brasileiras) contrasta com *o Sr. Pinheiro Chagas* (Um português antipatizante do movimento). E no nono, *a ex-metrópole política* contrasta com *a ainda metrópole literária*. O texto todo é uma arquitetura dual, um dueto, por assim dizer, cujo tom é dado pelo enunciador separatista, dada a sua condição de tradutor e construtor do simulacro do discurso do Outro, de acordo

com suas próprias categorias. O tom é, evidentemente, irônico, derivando, não raro, para o escárnio.

3. As ironias

O discurso dos separatistas acerca do português americano está repleto de expressões com duplo sentido, dissonâncias entre os interlocutores, maneiras pouco gentis mediante as quais os contendores se dirigem uns aos outros. As ironias são abundantes e, por isso, serão aqui examinadas.

Para a retórica, a ironia é uma figura de pensamento, resultado da "discrepância entre o verdadeiro propósito da enunciação e sua expressão formal, isto é, discrepância entre enunciação e enunciado" (ORLANDI, 1986, pp. 72-73), e partilha seu espaço com a alegoria, a sinédoque, a ênfase, a hipérbole. A ironia é, ao mesmo tempo, um "jogo" e uma "ocupação séria". Ela expressa "coisas sérias" com palavras que significam o contrário; o orador está tão seguro da simpatia de seus ouvintes e tão convencido da causa que defende que ele usa a escala de valores do adversário, fazendo ver sua falsidade, mediante o contexto. É uma arma dialética e tem, em sua origem, uma contradição, uma dualidade: elogia e ofende, aponta qualidades e, ao mesmo tempo, revela incompetência, etc. Inspirada no método socrático, a ironia age de duas formas: pela ocultação da própria opinião e pelo fingimento de que sua opinião coincide com a do adversário.

Nas teorias lingüísticas, como na retórica, a base da ironia é a dissonância; coincide com o que Bakhtin (1992) afirma do discurso indireto livre que leva Orlandi (1986, p. 85) a concluir: "no paralelismo de vozes, o locutor faz eco para mostrar sua diferença, sua discordância. O eco não é, pois, mera repetição. É sobretudo diferença, discordância, dissonância".

Eni Orlandi (1986, p. 72-73) propõe-se a analisar a ironia como um *tipo de discurso*, negando, portanto, que ela seja considerada um desvio (como quer a retórica), mas "o próprio lugar de estabelecimento de um processo de significação que chamamos irônico" e que tem a ver com "um estado de mundo" que se diz irônico. A ironia está na relação que se estabelece entre o locutor, o ouvinte e o texto e não em cada um deles separadamente.

Um tipo de discurso supõe uma estrutura de funcionamento, um quadro de relevância para o discurso, característico das suas condições de produção. O discurso irônico se dá num espaço de linguagem "em que não só simulações, mas alusões e mesmo rupturas de

significação podem ser desenvolvidas". (ORLANDI, 1986, p. 85). Este espaço de linguagem pode ser visto na perspectiva dos interlocutores (polifonia), do referente (relativização dos valores verdade/não-verdade) e da própria linguagem (tipo de discurso, o chiste, o jogo).

Na relação locutor/destinatário, a ironia estabelece a polifonia; é uma relação de discordância, real ou imaginária: o locutor atribui ao ouvinte um discurso "normal" e produz o rompimento: o outro diria o estabelecido ("normal") e ele responde, antecipadamente, discordando, produzindo um efeito de eco, uma ruptura. O eco pode ter como alvo o destinatário (sarcasmo) ou a si mesmo (auto-ironia) e, neste caso, o destinatário é o próprio locutor.

O que marca a relação na perspectiva do referente é o deslocamento dos valores verdade/não-verdade. Ao estabelecer a ruptura com as formas de mundo já dadas, a ironia possibilita a relação com outros estados de mundo. Relativiza os estados de mundo fixados, deslocando o senso-comum. Colocam-se em jogo as "suposições prévias" que garantem o seu funcionamento. A ironia suspende o senso-comum (a "ordem legítima") nos domínios da própria língua, do seu uso, do conhecimento, dos mecanismos sociais, etc. O discurso irônico estabelece o insólito, o *non-sense*, a ruptura, a destruição nos domínios estereotipados, institucionalizados, nos grandes modelos sócio-culturais das comunidades. Opõe, compara, estabelece paralelo com esses modelos que são, na verdade, a matéria prima da ironia.

Na relação com a linguagem, a ironia pode ser vista como um *tipo de discurso*, mas também como chiste e como jogo prazeroso. É um tipo de discurso que destaca as dominantes de seu funcionamento. O discurso irônico atua nos limites da linguagem e atenta contra o seu produto instituído. É autodestruição, sem o que a linguagem ficaria estacionada, morta. Pela ironia a linguagem se nega e se reconstrói.

No discurso separatista predomina a ironia entre interlocutores, resultante do seu confronto com o discurso legitimista. O separatista incorpora a voz do Outro, mas o eco ressoa deformado, a exemplo do enunciado a seguir: (9) – "Independentes! dizia-me uma vez, independência do Brasil, colônia separada da metrópole, emancipados de Portugal...histórias, palavras..."(SOARES, 1884 *apud* PINTO, 1978, p. 49)).

Entre os legitimistas, a *Independência* é uma instituição não questionada. Já entre os separatistas é de praxe questioná-la. Macedo Soares, em (9), não titubeia em torná-la risível. O tom de perplexidade e de dúvida que o ponto de exclamação, colocado após a palavra "*Independentes!*", imprime ao enunciado, deforma, faz ruir as significações instituídas. No

texto (10), Alencar responde às ironias de Camilo Castelo Branco com outras não menos injuriosas:

BEOTICES (I)

10. Já não me admiro que o Sr. Camilo Castelo Branco ache o amor brasileiro mórbido, sonolento, dengoso, lânguido.

Se não tem um cheirinho de imundície para deliciar o olfato, e um pouco de ranço para estimular o paladar!

O Sr. Camilo não gosta de amor derretido: é apreciador do amor sólido, suculento, nutrido de bom paio e broa rígida, com "as pescoceiras rorejantes de suor que se limpam aos guardanapos"; e ceia em tascas onde "os caroços das azeitonas são cuspidos na mesa, bem como as esquirolas do pernil do porco, desentaladas a palito das luvas dos queixos".

O ilustre romancista tem horror ao "céu estrelado de bananas", porque supõe que as bananeiras são árvores frondosas: e que suas frutas nascem em pencas e não em cachos. Ele prefere o seu céu de S. Miguel de Seide, estrelado de "bolotas".

O ateniense minhoto não pode suportar as "mimices do nosso sutaque" brasileiro; e vai escrevendo "sutaque" à moda galega em lugar do português "sotaque", termo formado de "sob" e "taque", para significar o tom frisante do remoque envolto e que por analogia se aplicou à inflexão especial da voz na pronúncia de certas palavras.

O rangido dos "rr", o zunido dos "zz", o escarrapachado das vogais e o cerrado dos queixos, chistes da prosódia do Minho, são as melodias que deleitam o ouvido purista do mais irriçado crisóstomo de todo o Portugal.

Uma rede, ou duas por causa da moral, a "bamboarem-se" entre dois coqueiros, um sabiá, por cima, um papagaio ao lado, um sagüi do outro e veriam que meigas "moquenquices", que arrulhar de rolas eu não estilava desta pena de ferro". O "Cego de Landim".

Nós cá no Brasil não dizemos uma rede a "bamboar-se", porque bamboar-se é fazer-se bambo, e a rede já é de si bamba: sendo para notar que justamente com o movimento do balanço ela estica-se. Nós podemos dizer que "bamboa-se" um homem ou outro sujeito que não tenha originalmente esse atributo: e um escritor de gosto há de preferir sempre bambolear, como mais elegante.

Também a nossa gramática brasileira não permite dizer - "uma rede ou duas a bamboarem-se". "Uma", que é o primeiro sujeito reclama o verbo no singular, "duas", sujeito da oração disjuntiva é que rege o plural oculto.

São nugas; mas quando se trata de um escritor, que o Sr. Castilho alcunhou de "primeiro clássico moderno" em retribuição de ser chamado o príncipe da lira peninsular, essas nugas tornam-se uns borrões muito feios.

Acho natural que o Sr. Camilo Castelo Branco embirre com o papagaio, que o Tasso não julgou indigno de figurar em sua epopéia; e com o sabiá cantado por Gonçalves Dias, que não suporte o sagüi, porque as meninas brasileiras têm o bom gosto de preferir esse mimo da natureza aos rabugentos "King Charles": que zombe das palmeiras, essa maravilha da criação que Deus reservou para os filhos dos trópicos, de imaginação brilhante.

O que me confunde é o autor do "Cego de Landim" meter a ridículo a banana, sobretudo a banana da terra, que no dizer dos matutos enche um palmo de tripa; ele o gracioso escritor cujos heróis "comem à tripa forra".

Vejamos porém a cena viva e encantadora que o romancista do Porto oporia a esta sonolenta e mórbida.

Em vez da rede, uma meia dúzia de sacos de palha de aveia entre dois abrunheiros, um cuco por cima, uma pega ao lado, um bichano do outro; e os dois amantes trocando umas carícias másculas, acompanhadas do soco, da patada e do repelão:

um legítimo amor do Porto, tão apreciado como o bom chouriço e o excelente vinho da Figueira (ALENCAR, s/d: *apud* PINTO, 1978, pp. 142-144).

Neste texto, começando com o título, "Beotices" (de beócio!), Alencar realmente desqualifica o seu adversário Camilo Castelo Branco por se ter dado ao atrevimento de achar o "*amor brasileiro mórbido, sonolento, dengoso e lânguido*". Alencar lança mão de todas as possibilidades que o discurso irônico lhe oferece para desconstruir o sentido do Outro e convencer o(s) interlocutor(es) com o seu ponto de vista. Começa fazendo um jogo de palavras de sentido contrário para introduzir o assunto: "... um cheirinho de *imundície* para *deliciar o olfato*" e "um pouco de *ranço* para *estimular o paladar*". E monta logo duas cenas que se completam e primam pelo grotesco: para contrapor ao "*amor derretido*" (do brasileiro), define o amor, tal como seria visto e apreciado por Castelo Branco, como sendo "*um amor sólido, suculento, nutrido de bom paio e broa rígida*". Introduce uma cena de taverna (*tasca*), onde as pessoas comem suando muito, enxugam os pescoços nos guardanapos, cospem os caroços de azeitonas sobre a mesa e ainda palitam os dentes (*queixos*) para "*desentalar*" as "*esquírolas* (lascas de osso) *do pernil de porco*". Para completar o quadro e carregar nas tintas da ironia, nada melhor do que um cardápio cujo prato principal é porco.

Essa imagem de um jantar comendo porco em tabernas imundas para explicar o que seria "*um amor sólido e suculento*" serve apenas de preparação (deliciar o olfato e estimular o paladar) para o que seria o centro da sua argumentação: descrever a cena de um casal de amantes, "*um legítimo amor do Porto tão apreciado como um chouriço*". Em vez da rede (ou melhor, das "*redes, duas, por causa da moral*"), balançando entre palmeiras e bananais, rodeada de pássaros e pequenos animais, o que se veria em uma cena de amor em Portugal seria: sacos de *palha de aveia*, entre *abrunheiros* (arbusto europeu com propriedades medicinais, adstringente e antifebril, também utilizado em tinturaria e curtume); um *cuco*, uma *pega* (ave européia da família dos corvídeos) de um lado e um *bichano* de outro, e o *casal* fazendo *carícias*: socos, patadas, repelões!

Mas Alencar não deixa passar as questões da língua. Utiliza-se de expressões gráficas e sons onomatopaicos para ridicularizar a pronúncia portuguesa: "os *rangidos dos rr*, o *zunido dos zz*, as *vogais escarrapachadas*, "os *queixos cerrados*", *melodias que deleitam o ouvido purista...*", replicando, em tom ainda mais injurioso, as críticas que o escritor minhoto fizera

do sotaque (*sutaque!*) brasileiro. Sempre o duplo sentido, a contradição: melodia/zunido; melodia/rangido...

E quanto aos deslizes de concordância (*Uma ou duas redes a bamboarem-se...*) são *nugas*, diz Alencar, simulando repetir o que teria dito o seu adversário) *nugas*, se não fossem cometidos por um escritor que recebeu o título de "*primeiro clássico moderno*"; e logo Alencar desmascara a importante alcunha, na verdade uma retribuição de Castilho por ter sido chamado, por ele, de "*príncipe da lira peninsular*". Parece que nada escapa à pena de Alencar quando se trata de ironia. Às vezes, quando ele utiliza epítetos, tão ao gosto romântico, somente pelo contexto é possível perceber o profundo desprezo com que se dirige ao seu interlocutor: "*o ilustre romancista*", "*o romancista do Porto*", "*o gracioso escritor*", expressão logo completada por uma oração que deforma toda graça: "*... cujos heróis comem à tripa forra*". Neste outro epíteto "*o ateniense minhoto*", Alencar também faz um jogo de oposições, contrapondo a Grécia (o ateniense), símbolo do saber e da arte clássica, a Portugal (minhoto, do Minho), aqui referido como sendo ignorante, parvo, de curta inteligência.

Na relação locutor/destinatário, quando Alencar incorpora enunciados do seu interlocutor aos seus, ele produz um efeito de eco: é como se Camilo Castelo Branco estivesse expondo seus pontos de vista e Alencar, discordando, estabelecendo desse modo a ruptura de sentido, constituindo novos sentidos. O eco não é, portanto, como bem salientou Eni Orlandi (1986), uma "*mera repetição*", mas um recurso do discurso irônico que evidencia, sobretudo, "*diferença, discordância, dissonância*".

A análise evidencia uma contínua tensão entre as posições políticas dos separatistas (libertários radicais) e as dos legitimistas (conservadores); entre o desejo de se construir uma nação liberta dos grilhões de Portugal e o medo de que a jovem nação sacudisse de vez o jugo e se desvencilhasse da metrópole.

Os enunciados são tais uma arena: neles separatistas e legitimistas duelam ruidosamente com/por palavras, cada qual com armas (línguas!) mais afiadas. Cabe lembrar aqui que o discurso não é "*uma superfície plana*", mas cheia de *asperezas*". Nada é tão próprio ao discurso quanto a heterogeneidade: "*toda formação discursiva é definida a partir de seu interdiscurso*" (BRANDÃO, 1991, pp 71-72) . Todavia a heterogeneidade, às vezes, não se diz de modo tão barulhento quanto nos textos analisados. Ela pode ser completamente silenciada, reprimida, denegada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. (V. N. Volochinov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. SP: Editora Hucitec, 1992.
- BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1991.
- FOUCAULT, M. *A Arqueologia do Saber*. Trad. Luiz F. B. Neves. RJ: Forense-Universitária, 1986.
- MAINGUENEAU, D. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Trad. Freda Indursky. Campinas-SP: Pontes: Editora da Unicamp, 1993.
- ORLANDI, E. Destrução e Construção do sentido (Um estudo da Ironia). In: Publicação do Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas das Faculdades Integradas de Uberaba. Série Estudos-12. Uberaba-MG, 1986.
- PAGLIARINI COX, M. I. e ALBUQUERQUE, J. G. A polêmica entre separatistas e legitimistas em torno da língua do Brasil na segunda metade do século XIX. In: *Polifonia*, Revista de Letras da UFMT nº 3, 1997.
- PINTO, E. P. (Org.) *O português do Brasil: textos críticos e teóricos*. Vol.1 – 1820-192 – Fontes para a teoria e a história. SP: Edusp, 1978.
- PIZARRO, A. *América Latina Palavra, Literatura e Cultura*. Volume 2: O Discurso Emancipado, SP: Memorial; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.